

gado sobre essa tese, Kissinger manifestou espanto ao ser informado quem era seu autor e, depois de lembrar que o senador brasileiro é seu "velho amigo", disse: "Costumo pensar duas vezes quando estou em desacordo com ele, porque respeito muito sua opinião".

#### DEVEDORES

Henry Kissinger evitou falar em "pool" de devedores, mas achou natural que os países devedores se reúnham, como ocorreu em Cartagena e Mar del Plata. Reafirmou sua confiança na economia brasileira: "O Brasil é um país de fantásticos recursos, seu povo é trabalhador e criativo, sem falar no jogo de futebol, que é uma beleza. Pode agora estar passando por dificuldades momentâneas, mas não há forma de imaginar que o investidor não será bem-sucedido no Brasil". O ex-secretário norte-americano disse não ter nenhuma dúvida de aconselhar o investidor norte-americano a investir no Brasil, se ele tem um horizonte de dez a quinze anos pela frente. "Mas se há quem queira investir com especulação, visando a ganhar dinheiro em dois anos, seguramente não deve escolher o Brasil", acrescentou. Logo em seguida, um jornalista indagou de Kissinger se ele próprio arriscará seu dinheiro investindo no Brasil, ao que ele respondeu fazendo humor: "Espero que o futuro do Brasil não dependa de minhas economias." Mas, seriamente, acho que na minha posição não fica bem fazer investimentos no estrangeiro".

Se o candidato democrata Walter Mondale ganhar a próxima eleição de novembro, nos Estados Unidos, os países devedores poderão ser prejudicados, na opinião de Henry Kissinger. "Sou a favor do governo Reagan", disse, "e acredito firmemente que ele ganhará a eleição, mas acho que a situação poderá complicar-se se houver mudança no governo, porque a negociação depende de confiança já conquistada e de continuidade de negociações anteriores." Finalmente, Kissinger disse não temer o futuro político do Brasil, tornando-se presidente Maluf ou Tancredo. E à indagação do jornal inglês "Financial Times" se o preocupava a possibilidade de instabilidade no regime político brasileiro, depois de vinte anos de poder militar, Kissinger respondeu sem vacilar que essa instabilidade só é vista pelos estrangeiros, mas "em nada preocupa os brasileiros".

## DÍVIDA EXTERNA



Henry Kissinger

### "Renegociação será na forma tradicional"

por Suely Caldas  
do Rio

O ex-secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, previu ontem que, no mínimo, o Brasil conseguirá um acordo semelhante ao do México na próxima renegociação de sua dívida, cuja solução ele acha será dada só após as eleições norte-americanas. Ao conceder ontem uma entrevista coletiva à imprensa brasileira e estrangeiros, no Hotel Intercontinental, Kissinger afirmou que a próxima renegociação será conduzida no método tradicional, com banqueiros estrangeiros e Fundo Monetário Internacional (FMI), de um lado, e Brasil, de outro. Ele manifestou, porém, sua simpatia pela proposta formulada durante reunião dos países devedores, em Mar del Plata, para que se processsem discussões políticas governo a governo, sobre as dívidas dos países latino-americanos, já na primeira metade do próximo ano. Esta mesma opinião, aliás, Kissinger repetiria, mais tarde, em encontro que manteve com o candidato da Aliança Democrática, Tancredo Neves.

Henry Kissinger está no Brasil convidado pela Cia. Ceras Johnson, subsidiária da Johnson Wax norte-americana, para pronunciar conferência para executivos da empresa. Nesse programa, o senador Roberto Campos, também conferencista, defendeu a tese de os países devedores pagarem suas dívidas com moeda local. Ao ser inda-